

12 • REVISTA O GLOBO • 6 DE JUNHO DE 2010 • CIDADE



Bruno Pauletti pilota a sua bicicleta elétrica, comprada há dois meses, na ciclovia, em Ipanema: "Foi paixão à primeira vista. Ela é mais segura, e você não chega suado aos lugares"

Bruno Pauletti pilota a sua bicicleta elétrica, comprada há dois meses, na ciclovia, em Ipanema: "Foi paixão à primeira vista. Ela é mais segura, e você não chega suado aos lugares"

Rede Elétrica

Por Marcella Sobral

Legião de donos de bicicletas e skates movidos a bateria só aumenta e já chama a atenção nas ruas do Rio

Bicicleta que anda sem ninguém pedalar? Skate que parece voar como em "De volta para o futuro"? Calma, você não está vendo coisas, nem foi teletransportado para um filme de ficção científica. Os elétricos, sejam skates ou bicicletas, estão por toda a parte e já

mudam a rotina de muitos cariocas — inclusive de quem precisa se desviar dos que andam em alta velocidade pela ciclovia.

— Minha qualidade de vida melhorou em 600%. Abandonei de vez o carro no meu dia a dia — diz a cantora Tarcila Pasqualetti, de 24 anos, toda prosa em sua *bike cor-de-rosa*. — E é ótimo para sair à noite. Você segura a produção, não chega acabada nos lugares e ainda passa sem problemas pela Lei Seca.

Assim como aconteceu com Tarcila, a onda dos elétricos seduziu Bruno Pauletti, 29 anos. Sempre que dava, ele cumpria sua rotina de bicicleta comum. Era bom, mas insustentável durante o verão. Há dois meses, porém, tudo mudou. Agora, ele, que mora em Ipanema e tem restaurantes

na Gávea e no Leblon, vai trabalhar movido a bateria.

— Foi uma paixão à primeira vista — lembra Bruno, que, a partir de julho, adotará as bicicletas elétricas para as entregas do Soba, seu restaurante. — Ela acaba sendo mais segura, porque você faz a maior parte do trajeto pela ciclovia, e ainda não chega suado aos lugares.

Nas ruas, as pessoas ainda ficam encantadas e encucadas com essas "coisas da modernidade" e, não raro, param os motoristas para perguntar como aquele treco funciona.

Atualmente, existem dois tipos básicos de bicicletas elétricas no mercado. Um deles funciona mais como uma mobilete mesmo: você gira a chave para dar a partida na bateria e tem que acelerar para andar.

— Você carrega na tomada, e o custo é o equivalente ao de uma carga no celular — diz Rodrigo Afonso, representante da fabricante Lev. — Temos vendido de duas a três bicicletas por dia.

O outro modelo é mais fiel ao conceito de bicicleta, já que é preciso dar umas pedaladas para seguir em frente. Nos dois casos, não é preciso ter carteira de habilitação, nem emplacar o veículo, que consegue alcançar até 40 quilômetros por hora.

— Tem todas as vantagens de uma bicicleta comum e ainda é um transporte de qualidade, a favor do meio ambiente — diz Philippe N. Sztokman, responsável pela marca Blitz. — A procura pelas bicicletas aumentou em 40% nesses últimos seis meses.



Fotos de Gustavo Pellizon

Carolina Maia

Philippe Machado comprou a sua há um mês: “Antes gastava uma grana de táxi”

A autonomia dos camelos elétricos é de, em média, 30 quilômetros ou uma hora e meia. Dependendo da rotina da pessoa, é mais do que o suficiente para oficializar a *bike* como transporte oficial para o trabalho.

— Moro na Gávea e trabalho em Ipanema. Todos

os dias, gastava uma grana de táxi — avalia o fotógrafo Philippe Machado, que se rendeu ao novo transporte há menos de um mês. — Levo 12 minutos vindo pela ciclovía, numa velocidade ideal, que não assusta como uma moto, e você se relaciona mais com a cidade. ●



Tarcila Pasqualette e sua bike rosa: “Abandonei o carro”